
A IMPORTÂNCIA DO AUTODIDATISMO NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE SOBRE A DISTINÇÃO ENTRE ASSISTIR AULA E ESTUDAR¹

THE IMPORTANCE OF SELF-TEACHING IN CONTEMPORARY EDUCATION: AN ANALYSIS OF THE DISTINCTION BETWEEN ATTENDING CLASS AND STUDYING

LA IMPORTANCIA DEL AUTOAPRENDIZAJE EN LA EDUCACIÓN CONTEMPORÁNEA: UN ANÁLISIS DE LA DISTINCIÓN ENTRE ASISTIR A CLASES Y ESTUDIAR

L'IMPORTANZA DELL'AUTOAPPRENDIMENTO NELL'EDUCAZIONE CONTEMPORANEA: UN'ANALISI DELLA DISTINZIONE TRA FREQUENTARE LE LEZIONI E STUDIARE

MARTINS, Rodrigo Nóbrega

EEMTI Estado da Bahia

<https://orcid.org/0000-0001-8930-610X>

CHAVES, Anne Yasmin de Lima

URCA - Universidade Regional do Cariri

RESUMO

O presente artigo investiga a importância do autodidatismo no processo educacional, estabelecendo uma distinção fundamental entre assistir aula e estudar. A pesquisa enfatiza que o estudo é uma decisão pessoal e intransferível. Mediante uma revisão bibliográfica, o trabalho analisa as contribuições de diversos autores sobre aprendizagem autônoma. Os resultados indicam que o autodidatismo constitui competência essencial para o aprendizado efetivo.

Palavras-chave: Autodidatismo; Aprendizagem autônoma; Metacognição; Educação; Autorregulação.

ABSTRACT

This article investigates the importance of self-teaching in the educational process, establishing a fundamental distinction between attending classes and studying. The research emphasizes that studying is a personal and non-transferable decision. Through a bibliographic review, the work analyzes the contributions of several authors on autonomous learning. The results indicate that self-teaching is an essential skill for effective learning.

Keywords: Self-teaching; Autonomous learning; Metacognition; Education; Self-regulation.

RESUMEN

Este artículo investiga la importancia del autoaprendizaje en el proceso educativo, estableciendo una distinción fundamental entre asistir a clases y estudiar. La investigación enfatiza que estudiar es una decisión personal e intransferible. Mediante una revisión bibliográfica, el trabajo analiza las contribuciones de varios autores sobre el aprendizaje autónomo. Los resultados indican que el autoaprendizaje es una habilidad esencial para un aprendizaje eficaz.

Palabras clave: Autoaprendizaje; Aprendizaje autónomo; Metacognición; Educación; Autorregulación.

RIASSUNTO

Questo articolo indaga l'importanza dell'autoapprendimento nel processo educativo, stabilendo una distinzione fondamentale tra frequentare le lezioni e studiare. La ricerca sottolinea che studiare è una decisione personale e non trasferibile. Attraverso una revisione bibliografica, il lavoro analizza i contributi di diversi autori sull'apprendimento autonomo. I risultati indicano che l'autoapprendimento è una competenza essenziale per un apprendimento efficace.

Parole chiave: Autoapprendimento; Apprendimento autonomo; Metacognizione; Educazione; Autoregolazione.

¹ DOI 10.5281/zenodo.15778797

1 INTRODUÇÃO

A educação contemporânea enfrenta desafios significativos relacionados à passividade dos estudantes e à dependência excessiva da figura do professor como transmissor de conhecimento. Há uma espécie de consenso *lato sensu* que atribui ao professor absoluto protagonismo no processo de aprendizagem. Mas tal entendimento é improcedente. Neste contexto, o autodidatismo emerge como competência fundamental para o desenvolvimento de uma aprendizagem efetiva e duradoura (KNOWLES, 1975).

O autodidatismo, definido como a capacidade de aprender de forma independente e autorregulada, representa uma habilidade crucial no século XXI, caracterizado pela rápida obsolescência do conhecimento e pela necessidade de aprendizagem contínua (TOUGH, 1971). Esta competência transcende a mera aquisição de informações. Envolve a pré-seleção do que se pretende aprender, o desenvolvimento de estratégias metacognitivas e a capacidade de autorregulação do processo de aprendizagem.

A distinção entre assistir aula e estudar constitui aspecto central desta discussão. Enquanto assistir aula representa um evento tantas vezes social; enquanto assistir aula representa a atividade passiva de recepção de informações, estudar configura-se como processo ativo de construção do conhecimento, que demanda engajamento pessoal, reflexão crítica e aplicação de estratégias de aprendizagem específicas (FREIRE, 1996).

O objetivo deste artigo é analisar a importância do autodidatismo na educação, estabelecendo distinções claras entre os processos de assistir aula e estudar, enfatizando a natureza pessoal e intransferível da decisão de aprender. Este estudo constitui uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo, baseada na análise de fontes primárias e secundárias sobre autodidatismo, aprendizagem autônoma e autorregulação educacional.

A pesquisa bibliográfica foi conduzida em bases de dados acadêmicas, incluindo obras clássicas e contemporâneas sobre teoria educacional e psicologia da aprendizagem. Os critérios de seleção das fontes incluíram relevância temática, rigor metodológico e contribuição teórica para a compreensão do autodidatismo e da

aprendizagem autônoma. A análise dos dados foi realizada mediante síntese interpretativa, buscando identificar convergências e divergências entre os diferentes autores consultados.

A hipótese inicial que orienta esta reflexão é a de que o ato de aprender nasce da consciência da própria precariedade. O ser humano, ao se perceber incompleto, limitado ou ignorante, é impulsionado a buscar o conhecimento como forma de preencher lacunas existenciais, cognitivas ou éticas. Essa sede de saber não é apenas uma curiosidade superficial, mas uma necessidade vital que emerge do reconhecimento de que algo essencial lhe falta.

2 ASSISTIR AULA E ESTUDAR: DOIS CONCEITOS DIFERENTES

O autodidatismo refere-se à capacidade de um indivíduo dirigir seu próprio processo didático, assumindo responsabilidade pela identificação de necessidades educacionais, formulação de objetivos, seleção de recursos e avaliação dos resultados obtidos (KNOWLES, 1975). Esta competência envolve não apenas a aquisição de conhecimentos, mas o desenvolvimento de habilidades metacognitivas que permitem ao aprendiz monitorar e regular seu próprio processo de aprendizagem.

Segundo Tough (1971), aproximadamente 70% das experiências de aprendizagem de adultos ocorrem de forma autodirigida, evidenciando a prevalência e importância desta modalidade educacional. O autor destaca que os projetos de aprendizagem autodirigida são caracterizados por deliberada intenção de adquirir conhecimentos ou habilidades.

A diferenciação entre assistir aula e estudar constitui aspecto fundamental para a compreensão do processo educacional. Freire (1996) define a maneira tradicional de aula expositiva e critica o que chama de modelo de "educação bancária", no qual o professor deposita conhecimentos em estudantes passivos, contrastando-o com uma educação problematizadora que estimula a reflexão crítica e a participação ativa na qual o estudante tem protagonismo. Assistir aula caracteriza-se pela recepção passiva de informações transmitidas pelo professor, configurando-se como atividade de baixo nível cognitivo que não garante a efetiva aprendizagem (BLOOM *et al.*, 1956).

Por outro lado, estudar envolve processamento ativo da informação, estabelecimento de interconexões conceituais, aplicação de conhecimentos e reflexão crítica sobre o conteúdo (AUSUBEL, 2003).

Piaget (1973) ressalta que o conhecimento não pode ser simplesmente transmitido, mas deve ser substancialmente construído ativamente pelo aprendiz mediante processos de necessidade, busca, assimilação e acomodação. Esta perspectiva construtivista enfatiza que a aprendizagem significativa requer participação ativa e engajamento pessoal do estudante.

3 A NATUREZA PESSOAL E INTRANSFERÍVEL DO ESTUDO

O estudo - e, portanto, a aprendizagem - são processos fundamentalmente pessoais e intransferíveis, que não podem ser realizados por terceiros, embora possam contar com auxílio de outrem. Vygotsky (1978) destaca que, embora a aprendizagem seja socialmente mediada, a internalização do conhecimento é processo decisório individual que ocorre na zona de desenvolvimento proximal do aprendiz.

A etimologia do termo “autodidata” — do grego *autodidaktikos*, que significa “aquele que ensina a si mesmo” — já revela sua essência: trata-se de um movimento voluntário e autorregulado em direção ao saber (KUMON, 2022). Nesse sentido, o autodidatismo não é um dom inato, mas uma prática que se desenvolve a partir de uma escolha consciente de assumir a responsabilidade pelo próprio processo de aprendizagem.

Flavell (1979) introduz o conceito de metacognição, referindo-se ao conhecimento que os indivíduos possuem sobre seus próprios processos cognitivos e sua capacidade de controlá-los. Esta competência metacognitiva é essencial para o desenvolvimento da autonomia na aprendizagem, permitindo que os estudantes monitorem, avaliem e regulem suas próprias estratégias de estudo.

Zimmerman (2002) propõe o modelo de autorregulação da aprendizagem, identificando três fases principais: planejamento, execução e autoavaliação. Este modelo enfatiza que a aprendizagem efetiva requer que os estudantes assumam controle ativo sobre seu processo educacional, estabelecendo objetivos, selecionando estratégias adequadas e monitorando seu progresso.

Nesse sentido, a aprendizagem não pode ser confundida com a simples obtenção de notas ou com a aprovação em séries escolares. Luckesi (2014) critica duramente a prática tradicional de avaliação escolar, que frequentemente reduz o processo educativo a um sistema de classificação e controle, descolado da real construção de saberes. Para o autor, a nota é apenas um registro quantitativo que, muitas vezes, não reflete a qualidade da aprendizagem. Ele afirma que “a aprendizagem do educando não pode ser pela ‘média’ ou por qualquer outra qualidade que não seja a aprendizagem satisfatória dos conteúdos que deveria aprender” (LUCKESI, 2014, p. 10).

A decisão de aprender, portanto, é um ato de autonomia e responsabilidade pessoal. Como destaca Sternberg (2003), os processos cognitivos como atenção, memória e raciocínio são mobilizados de forma mais eficaz quando o sujeito está motivado e envolvido com o objeto de estudo. A escola, nesse contexto, deve ser um espaço de estímulo à curiosidade, à reflexão crítica e à construção de sentido, e não apenas um ambiente de aferição de resultados.

A aprendizagem, como processo humano complexo, não se inicia apenas por imposições externas ou estímulos escolares, por mais eficientes que estes possam parecer. Ela emerge, sobretudo, de uma inquietação interna, de uma consciência da própria precariedade — seja ela cognitiva, existencial ou social — que mobiliza o sujeito a buscar o saber como forma de superação e transformação. Nesse sentido, aprender é um ato de coragem e de desejo, que exige do indivíduo a percepção de que algo lhe falta e que essa falta pode ser preenchida pelo conhecimento.

Butler (2010) propõe a noção de “vidas precárias” para descrever existências marcadas por vulnerabilidades estruturais. Quando transposta para o campo da educação, essa ideia revela que a consciência da precariedade pode ser um potente motor para a aprendizagem. Ao reconhecer-se em condição de incompletude, o sujeito se vê impelido a buscar respostas, significados e ferramentas para compreender e intervir no mundo.

Freire (1996), em sua pedagogia do oprimido, já afirmava que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Para Freire, a educação libertadora nasce da consciência crítica da realidade, da percepção das limitações impostas e da vontade de superá-las. Para Freire (1996), a “sede de conhecer” é, portanto, um impulso vital

que brota da experiência da carência e da opressão, e que se transforma em ação educativa quando o sujeito decide não mais aceitar passivamente sua condição.

A precariedade, portanto, não deve ser vista apenas como um obstáculo, mas como um ponto de partida epistemológico. Como destaca Silva (2020), a precariedade pode ser mobilizada como categoria crítica na educação, revelando as formas como o poder produz sujeitos vulneráveis, mas também como esses sujeitos podem resistir e reinventar-se por meio do saber.

Na tradição filosófica ocidental, essa ideia encontra uma de suas expressões mais emblemáticas em Sócrates. O filósofo ateniense, cuja máxima “só sei que nada sei” tornou-se símbolo da humildade epistemológica, defendia que o verdadeiro saber começa com o reconhecimento da ignorância. Para ele, a consciência da própria ignorância é o primeiro passo para o conhecimento, pois desperta o desejo de aprender e de buscar a verdade por meio do diálogo e da reflexão (SILVA & PAGNI, 2007).

Paiva (2013) também contribui para essa discussão ao propor que a ética pode ser entendida como uma estética da existência — uma prática de si que exige constante reinvenção diante das incertezas e vulnerabilidades da vida. Aprender, nesse sentido, é um gesto ético e estético: é transformar a precariedade em potência criadora.

Segundo o Instituto Brasileiro de Neurodesenvolvimento (IBND) (2024), o autodidatismo exige que o indivíduo se responsabilize por sua aprendizagem, estabeleça metas, administre seu tempo e desenvolva estratégias personalizadas de estudo. Essas atitudes só são possíveis quando há uma motivação intrínseca, ou seja, quando o desejo de aprender parte de uma decisão interna e autônoma

Assim, a decisão de aprender é, antes de tudo, um gesto de reconhecimento de que há algo que não se sabe, de que há um mundo a ser compreendido e de que essa compreensão é condição para uma vida mais plena. A sede de conhecer não é apenas curiosidade — é urgência, é desejo de existir de forma mais consciente e autônoma.

Portanto, a aprendizagem não é um processo mecânico ou imposto de fora ao indivíduo, mas uma resposta subjetiva e consciente à experiência da insuficiência. É quando o sujeito se depara com seus limites — de saber, de linguagem, de

compreensão — que se abre à possibilidade de aprender. A consciência da precariedade não é fraqueza, mas força propulsora do pensamento.

4 O PAPEL DOCENTE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Embora o estudo seja responsabilidade individual do aluno, o professor desempenha papel crucial na promoção do autodidatismo. Rogers (1969) propõe o conceito de "facilitação da aprendizagem", no qual o educador atua como facilitador que cria condições favoráveis para que o estudante desenvolva sua capacidade de aprender autonomamente.

Dewey (1938) enfatiza a importância da experiência educativa significativa, argumentando que o professor deve organizar situações de aprendizagem que estimulem a reflexão e a investigação ativa por parte dos estudantes. Esta abordagem pedagógica visa desenvolver a capacidade de pensamento crítico e a autonomia intelectual.

O processo educativo transcende a mera transmissão de conteúdos programáticos e a aplicação mecânica de atividades avaliativas. Na complexa dinâmica da sala de aula, a figura do professor emerge como elemento central não apenas pela sua capacidade técnica de ensinar, mas fundamentalmente pela sua capacidade de exemplificar aquilo que pretende transmitir. O docente que se limita a aplicar e corrigir atividades, permanecendo distante do processo formativo integral, representa um modelo educacional ultrapassado e de eficácia questionável.

Paulo Freire (1996), em sua obra "Pedagogia da Autonomia", enfatiza que "ensinar exige dar o exemplo". Para o educador pernambucano, não é possível formar eticamente os educandos se o próprio educador não incorpora em sua prática os valores e princípios que pretende transmitir. Freire argumenta que a coerência entre o discurso e a prática docente constitui um dos saberes fundamentais para a formação de professores, pois "é na prática de experimentar, de ensinar e de aprender que se pode falar dela" (FREIRE, 1996, p. 43).

A teoria da aprendizagem social de Bandura (1977) corrobora essa perspectiva ao demonstrar que grande parte do aprendizado humano ocorre através da observação e imitação de modelos. Segundo Bandura, os indivíduos aprendem não apenas através de suas próprias experiências diretas, mas principalmente observando o comportamento de outros e as consequências desses

comportamentos. No contexto educacional, isso significa que os estudantes aprendem tanto pelos conteúdos formalmente ensinados quanto pelos exemplos vivenciados em sala de aula.

José Carlos Libâneo (2013), em seus estudos sobre didática, ressalta que o professor eficaz é aquele que consegue estabelecer uma relação pedagógica autêntica com seus alunos, demonstrando através de seu exemplo os valores, as atitudes e os comportamentos que deseja desenvolver. Para Libâneo, "o professor é um modelo de referência para os alunos, seja no aspecto intelectual, seja no aspecto moral e afetivo" (LIBÂNEO, 2013, p. 87).

Um professor realizado profissionalmente e engajado com sua prática demonstra através de seu exemplo que é possível encontrar sentido e satisfação no trabalho educativo. Essa postura inspira os estudantes a desenvolverem uma relação mais positiva com o conhecimento e com o processo de aprendizagem.

Segundo Tardif (2002), os saberes docentes são constituídos através da experiência e da reflexão sobre a prática. O professor que se mantém em constante processo de aprendizagem e desenvolvimento profissional oferece aos seus alunos o exemplo de que a educação é um processo contínuo e permanente.

Nóvoa (2009), renomado pesquisador português da área educacional, argumenta que o professor é a pessoa, e uma parte importante da pessoa é o professor. Essa indissociabilidade entre a pessoa do professor e sua prática profissional significa que o exemplo docente transcende os aspectos meramente técnicos do ensino, influenciando a formação da personalidade e do caráter dos estudantes.

O exemplo docente atua como um poderoso mecanismo de construção de aprendizagens significativas porque oferece aos estudantes referências concretas de como aplicar na prática os conhecimentos teóricos. Quando o professor demonstra entusiasmo pelo conhecimento, curiosidade intelectual, respeito pelos alunos e compromisso com a aprendizagem, está oferecendo um modelo vivo de como essas atitudes se manifestam no cotidiano.

O processo de ensino-aprendizagem é fundamentalmente relacional e, portanto, exige do professor muito mais do que competência técnica para aplicar e corrigir atividades. É necessário que o educador se posicione como referência,

demonstrando através de seu exemplo os valores, atitudes e comportamentos que deseja desenvolver em seus estudantes.

O exemplo docente constrói porque oferece referências concretas, facilita a identificação dos estudantes com modelos positivos de comportamento ao estudo e contribui para o desenvolvimento integral da personalidade. Um professor desengajado e limitado às funções burocráticas do ensino desperdiça o potencial transformador da educação e compromete a qualidade da formação oferecida aos estudantes.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura evidencia consenso sobre a importância fundamental do autodidatismo no processo educacional contemporâneo. Os autores consultados convergem na identificação de que a aprendizagem efetiva demanda participação ativa e autorregulação por parte do estudante, não podendo ser reduzida à mera transmissão de informações.

A distinção entre assistir aula e estudar revela-se crucial para a compreensão dos processos de aprendizagem. Enquanto assistir aula pode fornecer informações e orientações, o estudo propriamente dito envolve processamento cognitivo profundo, estabelecimento de conexões conceituais e aplicação prática do conhecimento adquirido.

A natureza pessoal e intransferível do estudo constitui aspecto central desta discussão. Os processos cognitivos envolvidos na aprendizagem – compreensão, análise, síntese e avaliação – são intrinsecamente individuais e não podem ser realizados por terceiros. Esta constatação implica que a responsabilidade pelo aprendizado recai fundamentalmente sobre o próprio estudante.

O desenvolvimento de competências metacognitivas emerge como elemento essencial para a promoção do autodidatismo. A capacidade de monitorar, avaliar e regular o próprio processo de aprendizagem permite que os estudantes se tornem progressivamente mais autônomos e eficazes em seus estudos.

Os resultados sugerem importantes implicações para a prática pedagógica contemporânea. O papel do professor deve ser redefinido, transitando de transmissor de conhecimentos para facilitador da aprendizagem e promotor da autonomia estudantil.

As instituições educacionais devem implementar estratégias pedagógicas que estimulem o desenvolvimento de competências metacognitivas e autorregulação da aprendizagem. Isto inclui o ensino explícito de estratégias de estudo, promoção da reflexão sobre o próprio processo de aprendizagem e criação de oportunidades para aprendizagem autodirigida.

A avaliação educacional também deve ser repensada, incorporando elementos que valorizem a capacidade de autorregulação e aprendizagem autônoma dos estudantes, além da mera verificação de conteúdos assimilados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autodidatismo constitui competência fundamental para a educação contemporânea, sendo essencial para o desenvolvimento da autonomia intelectual e da capacidade de aprendizagem permanente. A distinção entre assistir aula e estudar revela-se crucial para a compreensão dos processos educacionais, evidenciando que a aprendizagem efetiva demanda engajamento ativo e autorregulação por parte do estudante.

O autodidatismo, entendido como a capacidade de aprender de forma independente, sem a mediação direta de instituições formais ou instrutores, é mais do que uma habilidade técnica: é a consequência imediata de uma decisão fundamental, pessoal e intransferível de aprender. Essa decisão nasce do reconhecimento de que o conhecimento é uma construção ativa, que exige do sujeito não apenas curiosidade, mas também compromisso, disciplina e autonomia.

A natureza pessoal e intransferível do estudo determina que a responsabilidade pelo aprendizado recai fundamentalmente sobre o próprio estudante, não podendo ser delegada ao professor ou a terceiros. Esta constatação requer mudanças significativas nas práticas pedagógicas, visando promover o desenvolvimento de competências metacognitivas e a capacidade de autorregulação da aprendizagem.

A educação do futuro deve priorizar o desenvolvimento da autonomia estudantil, preparando os aprendizes para enfrentar os desafios de uma sociedade em constante transformação, na qual a capacidade de aprender continuamente constitui requisito essencial para o sucesso pessoal e profissional.

O autodidatismo, portanto, não é um fenômeno isolado ou acidental. Ele é a expressão mais clara de um sujeito que decidiu aprender — não por obrigação, mas por convicção. Essa decisão, por sua vez, é intransferível: ninguém pode aprender pelo outro. Como já sugeria Sócrates, o conhecimento não pode ser transmitido como um objeto; ele precisa ser despertado no interior do sujeito, que deve estar disposto a “parir” suas próprias ideias por meio da reflexão e da busca ativa.

Assim, o autodidatismo é mais do que um método: é uma postura diante do mundo. É o resultado de uma escolha radical de não delegar a terceiros a tarefa de pensar, conhecer e transformar-se.

O objetivo principal da pesquisa foi atingido. A hipótese inicial foi corroborada.

Referências

- AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.
- BANDURA, A. **Social learning theory**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1977.
- BLOOM, B. S. et al. **Taxonomy of educational objectives**: the classification of educational goals. Handbook I: Cognitive domain. New York: Longmans, Green, 1956.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- DEWEY, J. **Experience and education**. New York: Macmillan, 1938.
- FLAVELL, J. H. Metacognition and cognitive monitoring: a new area of cognitive-developmental inquiry. **American Psychologist**, v. 34, n. 10, p. 906-911, 1979.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE NEURODESENVOLVIMENTO (IBND). **Autodidatismo**: você é uma pessoa autodidata? Como desenvolver essa habilidade?, 2024. Disponível em: <https://www.ibnd.com.br/blog/autodidatismo-voce-e-uma-pessoa-autodidata-com-o-desenvolver-essa-habilidade.html>. Acesso em: 13 jan. 2023.
- KNOWLES, M. S. **Self-directed learning**: a guide for learners and teachers. New York: Association Press, 1975.
- KUMON. **Quais são as vantagens de ser um aluno autodidata?**, 2022. Disponível em: <https://www.kumon.com.br/blog/por-que-o-autodidatismo-e-tao-importante-para-o-aluno-1/>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Sobre notas escolares**: distorções e possibilidades. São Paulo: Cortez, 2014.
- NÓVOA, A. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.
- PAIVA, Rita. A precariedade humana e a existência estilizada. **Trans/Form/Ação**, v. 36, n. 1, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/VW5ndYrCNHD4JgMpQwKgJ3n/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

PIAGET, J. **To understand is to invent**: the future of education. New York: Grossman Publishers, 1973.

ROGERS, C. R. **Freedom to learn**: a view of what education might become. Columbus: Charles Merrill, 1969.

SILVA, Robson Guedes da. Biopolítica, precariedade e educação: um ensaio de pensamento com Butler e Foucault. **Linhas Críticas**, v. 26, 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-04312020000100115. . Acesso em: 30 jun. 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da; PAGNI, Pedro. **Educação e Filosofia: ensaios sobre a formação do sujeito**. Campinas: Autores Associados, 2007.

STERNBERG, Robert J. **Cognitive Psychology**. Belmont: Wadsworth, 2003.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TOUGH, A. **The adult's learning projects**: a fresh approach to theory and practice in adult learning. Toronto: Ontario Institute for Studies in Education, 1971.

VYGOTSKY, L. S. **Mind in society**: the development of higher psychological processes. Cambridge: Harvard University Press, 1978.

ZIMMERMAN, B. J. Becoming a self-regulated learner: an overview. **Theory into Practice**, v. 41, n. 2, p. 64-70, 2002.